

REFERÊNCIAS HISTÓRICAS SOBRE OS “MILAGRES” E AS CAVERNAS DA SERRA DA PIEDADE, QUADRILÁTERO FERRÍFERO, MINAS GERAIS

HISTORIC REFERENCES ON THE "MIRACLES" AND THE CAVES OF THE SERRA DA PIEDADE, QUADRILÁTERO FERRIFERO, MINAS GERAIS

Roberto Cassimiro (1), Manuela Corrêa Pereira (2), Aline Guerra (3), Rafael Camargo (3), Letícia de Barros Viana Hissa (2), Luciano Emerich Faria (4) & Frederico Ewald Renger (5)

- (1) Instituto do Carste.
- (2) IGC/UFMG.
- (3) Meandros Espeleo Clube.
- (4) Newton Paiva.
- (5) Centro de Pesquisa Prof. Manoel Teixeira da Costa (CPMTC-IGC-UFMG).

Contatos: r_cassimiro@yahoo.com.br; manuelacp1@gmail.com; rafaexx@gmail.com.

Resumo

A Serra da Piedade localiza-se na porção setentrional do Quadrilátero Ferrífero e na extremidade oriental do conjunto de serras denominado genericamente como Serra do Curral, Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. Desde o século XIX, os aspectos naturais e culturais dessa serra têm sido relatados por viajantes como Wilhelm Ludwig von Eschwege, Auguste de Saint-Hilaire, Johannes Eugenius Bülow Warming, dentre outros. O presente trabalho resultou de um levantamento bibliográfico com o objetivo de compilar as referências históricas sobre os denominados “milagres” e as cavernas da Serra da Piedade. Pode-se concluir que “os milagres” são as feições mais referenciadas tanto por viajantes naturalistas como por religiosos. Por fim, buscou-se identificar a gruta descrita pelo naturalista Saint-Hilaire com o propósito de compará-la com a Gruta do Eremita, uma pequena cavidade que atualmente é um dos atrativos turísticos da serra e que está indicada no croqui do Frei Rosário Joffily. Porém, os aspectos morfológicos da Gruta do Eremita não correspondem às descrições da caverna visitada por Saint-Hilaire.

Palavras-Chave: Naturalistas, Quadrilátero Ferrífero, canga, itabirito, catolicismo popular.

Abstract

The Piedade Peak is located at the northern portion of the Quadrilátero Ferrífero, at the most eastern edge of the Curral Rigde, metropolitan region of Belo Horizonte, Minas Gerais. Since the early 19th century, natural and cultural aspects of this mountain have been described by European travelers, e.g. Wilhelm Ludwig von Eschwege, Auguste de Saint-Hilaire, Johannes Eugenius Bülow Warming, among others. This research resulted from a review of the respective bibliography with the objective of compiling the historical references about the features called "milagres" and the caves of the Piedade Peak. It can be concluded that "milagres" are the most referenced features by travelers and religious naturalists. Besides that, the cave called "Gruta do Eremita" is a touristic attraction, however, the morphological descriptions of this cave is not the same of those visited by Saint-Hilaire.

Key-words: Naturalists, Quadrilátero Ferrífero, duricrust, itabirite, popular catholicism

1. INTRODUÇÃO

A Serra da Piedade dista aproximadamente 50 km a nordeste da capital mineira. Encontra-se entre os municípios de Sabará e Caeté, porção setentrional do Quadrilátero Ferrífero (Figura 1). Essa serra localiza-se na extremidade oriental do conjunto de serras denominado genericamente como Serra do Curral. Nela afloram itabiritos e filitos e em

algumas áreas os itabiritos estão recobertos pela canga que ajuda a sustentar o relevo.

Do ponto de vista espeleológico, é uma região de alto potencial para o desenvolvimento de cavernas, onde é possível encontrar cavernas encaixadas no itabirito, na canga ou desenvolvidas no contato entre essas duas litologias, e ainda em depósito de tálus, que ocorre desde o topo até a baixa vertente.

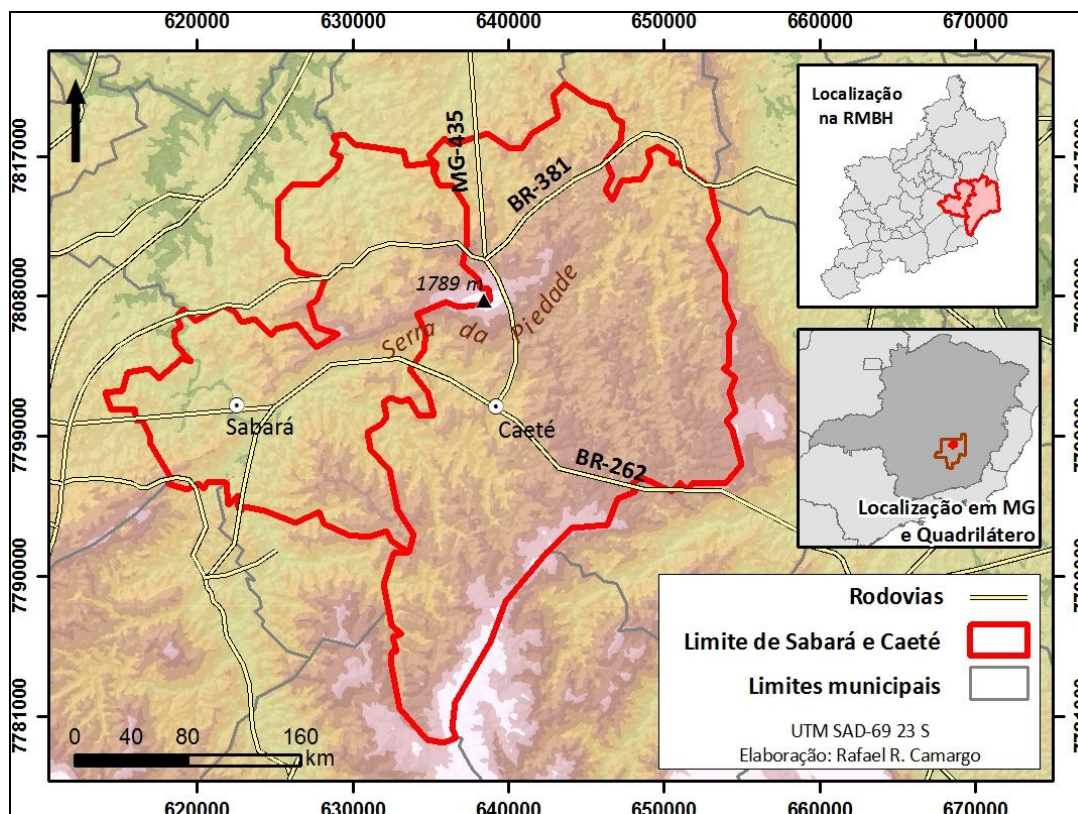


Figura 1: Localização da Serra da Piedade entre os municípios de Sabará e Caeté, Minas Gerais.

A Serra da Piedade possui um grande significado para a história social, cultural e religiosa de Minas Gerais. A história de sua ocupação está relacionada ao bandeirismo e foi descrita por diversos viajantes, devido à sua imponência diante do relevo que a circunda (Ruchkys *et al.*, 2007) (Figura 2).

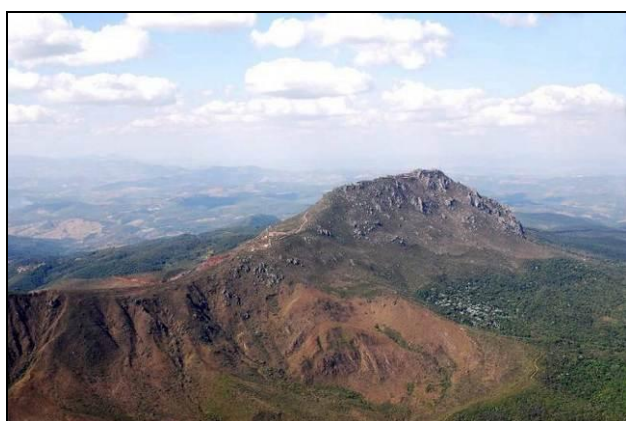


Figura 2: Imponência da Serra da Piedade em uma foto aérea. Fonte: divulgação.

Desde o século XVIII, a Serra da Piedade tem sido ocupada pelos eremitas, que a defendiam como um lugar sagrado, passível de ser preservado e conservado. Dentre os representantes religiosos que habitaram a serra, destaca-se o Frei Rosário Joffily (1913 – 2000), que ao longo do século XX lutou

pelo tombamento do Santuário localizado no topo da serra. Esse frei pressionou pela criação da Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, que organizou a proteção do patrimônio histórico e artístico. Entretanto, somente em 1956 o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Santuário de Nossa Senhora da Piedade foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional (IPHAN) através do processo nº 526-T-55 (IEPHA, 2004).

Atualmente, a Serra da Piedade é tombada nos três níveis: municipal, estadual e federal. O Tombamento Federal foi revisto e atualizado em 2010 e atualmente abrange uma área de 1,9 mil hectares. Além dos três tombamentos, a Serra também possui Áreas de Proteção Ambiental (APAs), que funcionam como zonas de amortecimento entre as áreas tombadas e as áreas desprotegidas: APA Descoberto, APA Ribeirão Ribeiro Bonito e APA Águas da Serra da Piedade.

A área protegida que abriga o complexo arquitetônico dessa serra também é palco de eventos religiosos (Figura 3). Dentre esses, destaca-se o Jubileu, que ocorre entre 15 de agosto e 7 de setembro. Esse evento sempre atraiu um grande número de romeiros que sobem até o Santuário, como observado em Silveira (1924: 384) “os dois únicos trilhos que até ali conduzem, apresentam o aspecto movimentado das ruas de grandes cidades”.

Atualmente, existe uma estrada asfaltada que permite aos ônibus de excursão chegar até o estacionamento localizado a poucos metros de distância do Santuário.

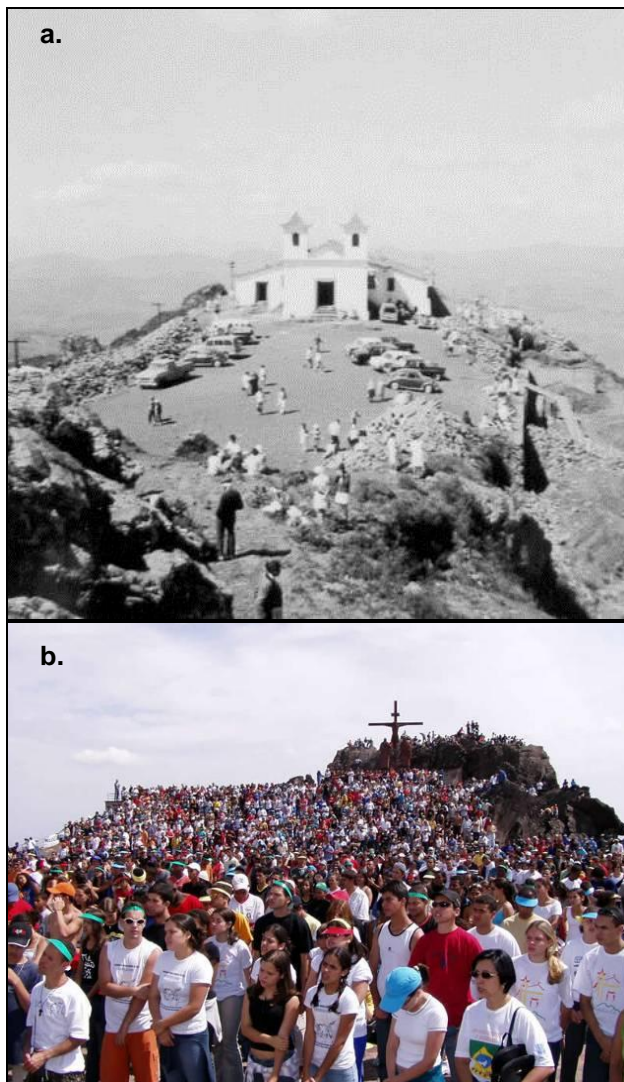


Figura 3: a. Evento religioso no ano de 1969;
b. Evento religioso no ano de 2000. Fonte: divulgação.

Diante do contexto de relevância histórico-religiosa da Serra da Piedade, serão abordados neste trabalho os relatos históricos das feições denominadas “milagres”.

2. METODOLOGIA

Para o presente trabalho, foram realizadas as seguintes etapas:

- levantamento bibliográfico na Biblioteca do Instituto de Geociências da UFMG, Biblioteca do Departamento de Geologia da UFOP, e

Biblioteca do Santuário Serra da Piedade. Nessa etapa, buscaram-se as referências que abordaram tanto a Serra da Piedade, de modo geral, como os “milagres” e as cavidades que possuem/possuíram algum significado religioso;

- levantamento de campo para a localização dos milagres e das cavernas representadas no croqui confeccionado pelo Frei Rosário Joffily;
- complementação com entrevistas realizadas com os funcionários e responsáveis pelo Santuário.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Diversos viajantes e pesquisadores que visitaram a Serra da Piedade, no século XIX, não mencionaram os “milagres” ou a existência de cavernas. Dentre eles temos os naturalistas Johann Baptist von Spix (1781 – 1826) e Carl Friedrich Philipp von Martius (1794 – 1868), que subiram a serra em 1818.

Referências históricas dos milagres e das cavernas

Segundo as referências históricas e relatos de funcionários do Santuário de Nossa Senhora da Piedade, os “Milagres” são os locais que os romeiros visitam com o objetivo de recolher a água que goteja. Atualmente, dois rochedos são chamados de “milagres” e não possuem nenhuma outra denominação específica.

A referência mais antiga sobre a utilização dessas águas que escorrem dos “rochedos mais altos” e sua utilização pelos moradores locais e peregrinos está na obra “Contribuição a geognostica”, publicada em 1832, do engenheiro de Minas Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777 – 1855):

(...) Embora não tivesse chovido aqui há quase um mês, e estivesse a serra completamente limpa de nuvens e neblinas, contudo gotejava sem cessar dos rochedos mais altos uma água cristalina, que em sua base se perdia de novo entre as fendas, mas para, a cerca de 100 passos mais abaixo, jorrar em uma fonte abundante que oferece, sem nenhuma partícula de minério, a água mais deliciosa aos moradores do hospício e aos peregrinos que vão em visita à capela. (Eschwege, 1832)

Segundo Ruchkys *et al.* (2007) o relato de Eschwege é “a primeira descrição geológica da Serra da Piedade”.

Também botânico, Eugenius Warming (1841-1924) na obra “Excursão às montanhas do Brasil” descreve uma visita realizada à Serra da Piedade, em 1866, e assim como Eschwege não menciona nenhuma caverna, entretanto, descreve os dois milagres:

Todos os víveres, até a lenha e água, são trazidos no lombo de mulas da fazenda ao pé da montanha. Exceto as Bromeliáceas e dois “milagres”, dos quais um tem o nome de Santo Antônio (“milagre de Santo Antônio”), não existe água em toda a extensão da serra. Os tais milagres são fendas na rocha por onde se vê – como naquela rocha na Suíça conhecida como a “rocha lacrimosa” – a água escorrendo, gota por gota, da parede desnudada. Mais abaixo na montanha, esse gotejamento lento cria um regato que, ao final, joga-se no rio das Velhas. “Assim nascem os rios”. Essa água é considerada milagrosa, e meus companheiros não deixaram de encher algumas garrafas, levando-as, (...), como proteção contra qualquer doença ou acidente. (WARMING apud GOMES, 2006, p. 158-159)

O texto informa que a água dos milagres, além de possuir propriedades curativas para os enfermos, serve como prevenção aos que dela bebem. Pelo que percebemos na época da visita de Warming, um dos “milagres” era denominado de “Santo Antônio”.

O engenheiro e naturalista Alvaro Astolfo da Silveira (1867-1945) também descreveu os gotejamentos dos milagres da vertente sul e norte, além de registrar algumas crenças populares sobre os mesmos.

Com as chuvas ou com os contínuos nevoeiros que allí reinam, essas saliências de itabirito, por uma disposição especial das camadas, absorvem a humidade, encharcam-se e vão depois deixando a água sahir aos pingos na sua parte inferior.

É o que o povo clama – O *milagre*.

Dois destes milagres existem nas circunvizinhanças do cume: um à direita do trilho que desce para o lado do Asylo; outro em um medonho despenhadeiro, na vertente sul, sendo preciso, para lá chegar, descer por

um perigoso trilho que serpenteia a encosta abrupta.

Neste ultimo um grande tanque recebe e reúne a água gottejada que d’ahi é levada para varias partes como portadora de virtudes curativas das mazellas da alma e do corpo; naquelle, os pingos d’agua caem sobre uma lata, e então, mesmo a algumas dezenas de metros de distancia, se ouve o som metálico, plangente, desse gottejar, continuo e cadenciado, quebrando, monótono, o silencio quasi absoluto que allí reina.

O milagre da encosta sul quase que não se resente da estação; o seu gotejar é mais ou menos constante. O da encosta norte, porém, às vezes diminue muito, chegando mesmo quase a secar.

O povo, porém, leva o seu exagero a afirmar que, haja sol ou chuva, seja verão ou inverno, a pedra cessa nem diminue, o seu lacrimejar rhythmado, constante, eterno. (SILVEIRA, 1924, p. 382-383).

Atualmente, existe um tanque de alvenaria que recolhe parte da água que goteja no milagre sul (Figura 4).



Figura 4: Milagre localizado na parte sul da Serra da Piedade, o círculo vermelho indica o tanque de alvenaria que acumula a água. (Fotografia: Manuela Corrêa Pereira, junho de 2010).

Silveira também não menciona a existência de cavernas, entretanto, ressalta que:

Em diversos pontos desses trilhos, abrigados em barracas ou sob os enormes blocos de itabirito, installam-se commerciantes que vão prover osromeiros do que porventura necessitem para sua difficil e perigosa ascensão. (SILVEIRA, 192, p. 384).

Para efeito de um licenciamento ambiental, os milagres não são considerados cavernas, pois não possuem desenvolvimento linear igual ou superior a 5 metros, entretanto, na interpretação do “Decreto Nº 6.640, de 7 de novembro de 2008” Ferreira, et al. (2011) poderiam ser considerados cavernas.

Também há que se destacar a relevância dos “milagres” para o catolicismo popular, além de terem sido registrados por diversos viajantes e naturalistas.

A referência sobre caverna mais antiga está na obra “Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil”, do naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), que, ao realizar uma excursão na Serra da Piedade, em 1818, o naturalista visitou uma caverna utilizada como pouso pelos eremitas.

Segundo Saint-Hilaire:

(...) em uma de minhas excursões fui ter a uma gruta formada por um largo rochedo que avança horizontalmente acima do solo. Uma pequena parede, construída com terra vermelha fecha inteiramente a entrada dessa gruta; mas no meio da parede vermelha fizeram uma pequena janela que serve para iluminar o interior. É por uma abertura lateral que se penetra na gruta, e, para aí chegar-se é preciso descer sobre grandes pedras arrumadas à guisa de escada. (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 68).

E ressalta a utilização da caverna pelos religiosos:

(...) apenas encontrei os restos de um leite, o que provava que ela se achava há muito tempo abandonada. Soube, pelo meu hospedeiro, que a gruta tinha sido, há vários anos, habitada, por eremitas que achavam o alto da montanha muito frio durante a estação das secas. (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 68).

Outra referência histórica sobre cavernas é um croqui, em papel vegetal (104 x 56 cm), com os principais “caminhos” dos romeiros, confeccionado pelo Frei Rosário Joffily no período em que foi reitor do Santuário de Nossa Senhora da Piedade. Nesse roteiro estão destacadas algumas cavernas como a Gruta dos Monges, a Gruta de São Tomé e também a Gruta do Eremita.

Nos trabalhos de campo, foram localizadas e topografadas a Gruta do Eremita, a Gruta dos Monges e a Gruta dos Romeiros, que estão indicadas no croqui do Frei Rosário Joffily. Além

dessas, a Gruta da Macumba também foi localizada e topografada, devido à sua importância religiosa.

Gruta do Eremita

A Gruta do Eremita possui aproximadamente 25 metros de desenvolvimento linear e é formada por depósitos de tálus. Encontra-se em alta vertente, nas proximidades do cume da Serra da Piedade, mais precisamente na UTM 23K, 0.638.244E, 7.807.711N e 1.614 metros de altitude (*Datum SAD 69*).

Essa caverna é indicada no croqui do Frei Rosário Joffily e hoje possui diversas placas informativas, distribuídas em pontos estratégicos, indicando sua localização. Na entrada há uma placa contendo seu nome e o seguinte texto: “Aqui o Frei Rosário [Joffily] se recolhia à solidão” (Figura 5).



Figura 5: Gruta do Eremita, na placa em letras menores está escrito “Aqui o Frei Rosário [Joffily] se recolhia à solidão” (Fotografia: Rafael Camargo, dezembro de 2010)

Gruta dos Monges

A Gruta dos Monges é uma pequena cavidade de aproximadamente 25 metros de desenvolvimento linear em canga. Encontra-se localizada em média vertente, de coordenadas UTM 23K, 0.639.578E, 7.807.832N e 1.448 metros de altitude (*Datum SAD 69*).

A entrada da cavidade situa-se na borda de uma antiga estrada sem pavimentação (Figura 6), anteriormente aberta pelo frei Rosário, a fim de servir como um dos “caminhos” dos romeiros (Joffily, s/d), como representado em seu croqui.

Inclusive, em épocas de procissão, os “romeiros utilizam essa caverna para se abrigar da

chuva, ou como ponto de parada” (informação verbal Zacarias Profeta Pereira, janeiro de 2011).

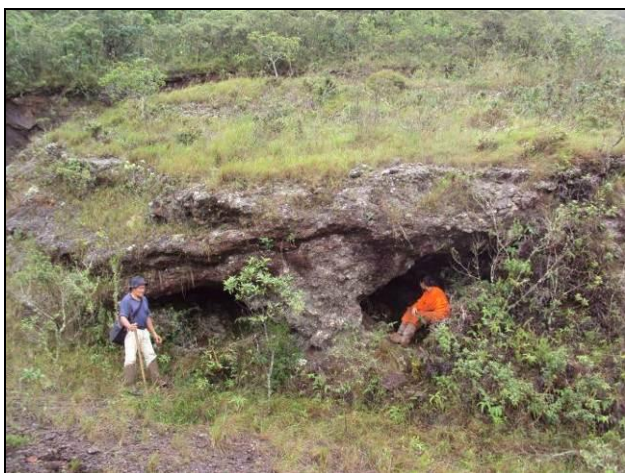


Figura 6: Entradas da Gruta dos Monges num caminho dos romeiros. (Fotografia: Roberto Cassimiro, janeiro de 2010).

Gruta dos Romeiros

A Gruta dos Romeiros também é uma pequena caverna, tem aproximadamente 15 metros de desenvolvimento linear e encontra-se em média vertente, sendo formada basicamente por um grande bloco de itabirito basculado e acomodado sobre a canga (Figura 7). Assim como a Gruta do Eremita, está associada a depósito de tálus. Cavernas com essas características são comuns no município do Rio de Janeiro (Corrêa Neto, 1996).



Figura 7: Gruta dos Romeiros. Foto: Rafael Camargo, janeiro de 2011.

De coordenadas UTM 23K, 0.638.599E, 7.808.255N e 1.369 metros de altitude (*Datum SAD 69*) está situada a aproximadamente 15 metros da estrada asfaltada que liga a MG 435 ao Santuário no alto da serra.

Essa caverna também foi indicada no croqui do Frei Rosário Joffily e pela facilidade de acesso a

cavidade vem há tempos sendo alvo de grande fluxo de turistas/religiosos. Foram encontradas algumas imagens religiosas associadas ao rito católico e também alguidares quebrados na entrada relacionados a ritos africanos (Figura 8).



Figura 8: Gruta dos Romeiros a seta indica um alguidar quebrado, que é utilizado em rituais religiosos (Fotografia: Luciano E. Faria, outubro de 2010).

Gruta da Macumba

Com as coordenadas UTM: 23k 638.812 E, 7.808.274 N E, 7.807.832N, altitude 1.396 metros (*Datum SAD 69*) essa caverna encontra-se à beira do asfalto, próxima ao platô de canga conhecido como Cascalinho.

Ela se desenvolve na ruptura do relevo e a sua denominação deve-se ao fato de em seu interior haver um altar ornamentado com flores de plástico, velas, copos de plástico, garrafas quebradas, etc., utilizados em ritos africanos.

4. CONCLUSÕES

Sabe-se que no Brasil há tempos as cavernas são utilizadas para fins religiosos. Na Serra da Piedade isso não é diferente. Algumas cavidades integram o processo de romaria, servindo de abrigo

do frio ou do calor aos peregrinos que sobem a pé pelos “caminhos dos romeiros” em procissão até a Igreja de Nossa Senhora da Piedade, no alto da serra. Utilização semelhante era dada pelos eremitas que viviam no alto da serra e se refugiavam na época do frio nas grutas.

Nessa mesma linha de raciocínio, também os locais denominados de “milagres” representam espaços sagrados para o catolicismo popular. Os romeiros buscam a água que goteja, pois acreditam no seu poder curativo e libertador. Através das descrições dos viajantes e naturalistas, percebe-se que os “milagres”, desde o século XIX, já eram marcos religiosos.

A Serra da Piedade como espaço religioso cristão remonta ao século XVIII, entretanto, atualmente, observa-se um sincretismo religioso, que pode ser notado na Gruta dos Romeiros e na Gruta da Macumba, que são utilizadas tanto para cultos católicos quanto afro-brasileiros.

Neste trabalho, também buscou-se comparar a Gruta do Eremita à gruta descrita por Saint-Hilaire, porém, visto que a morfologia “não corresponde à descrição” do naturalista (Cassimiro et al., 2011), não é possível associá-las.

Por fim, conclui-se que, além de serem importantes para o patrimônio geológico e geomorfológico, tanto os “milagres” quanto as cavernas enriquecem ainda mais o patrimônio histórico e religioso da Serra da Piedade.

AGRADECIMENTOS

Ao senhor Zacarias Profeta Pereira, funcionário do Santuário de Nossa Senhora da Piedade, que gentilmente acompanhou a equipe em parte dos trabalhos de campo.

REFERÊNCIAS

- CASSIMIRO, R.; CAMARGO, R.; PEREIRA, M. C. e FARIA, L. E. Gruta do Eremita na Serra da Piedade é topografada. **Conexão Subterrânea**. São Paulo: Redespeleo Brasil, n. 85, p. 3, 10 fev. 2011.
- CORRÊA NETO, A. V. 1996. Cavernas em granitos, gnaisses e depósitos de tálus. **O Carste**. Belo Horizonte: Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas, v. 8, n. 1, p.18-20, jan. 1996.
- DUARTE, R. H. 1992. História da Serra da Piedade. In: DUARTE, R. H. (org.) **Serra da Piedade**. Belo Horizonte: UFMG/CEMIG, 136p.
- ESCHWEGE, W. L. von. **Beiträge zur Gebirgskunde Brasiliens**. Berlin: Reimer, 1832. 488p.
- FERREIRA, C. F.; CRUZ, J. B.; REINO, J. C. R.; MEDEIROS, R. C. S. Decreto Nº 6.640, de 7 de novembro de 2008 – Comentado. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade/Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas (CECAV). Apostila do “II Curso de espeleologia e licenciamento Ambiental”, 2011. 197p.
- JOFFILY, R. Croqui em papel vegetal (dimensões 104 x 56 cm). Belo Horizonte: Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte; [s.d.].
- RUCHKYS, U. A.; RENGER, F. E.; NOCE, C. M.; MACHADO, M. M. M. Serra da Piedade, Quadrilátero Ferrífero, MG – da lenda do Sabarabuçu ao patrimônio histórico, geológico, paisagístico e religioso. In: SCHOBENHAUS, Carlos; CAMPOS, Diógenes de Almeida; QUEIROZ, Emanuel Teixeira de; WINGE, Manfredo; BERBERT-BORN, Mylene Luíza. (Orgs.). **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**. Brasília: Ministério de Minas e Energia; DNPM; CPRM; SIGEP, 2007
- SAINT-HILAIRE, A. **Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.
- SCLIAR, C. 1992. Geologia da Serra da Piedade. In: DUARTE, R. H. (org.) **Serra da Piedade**. Belo Horizonte: UFMG/CEMIG, 136p.



SILVEIRA, A. A. **Narrativas e Memórias**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1924. v. 2, p. 341-760.

GOMES, Maria do Carmo Andrade (Coord.). **A canção das palmeiras**: Eugenius Warming, um jovem botânico no Brasil. Estudo crítico de Birgitte Holten e Michael Sterll. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 248p. 2006.